

O DESCASO PELO MASCULINO PRESENTE NA NARRATIVA DE TEOLINDA GERSÃO: A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Prof. Ms. Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa¹ (UNIPLAC)

Todo trabalho tem uma história e a história deste nasce da reunião de algumas circunstâncias: a primeira, o encontro com o tema; a segunda, o desejo de participar deste evento não apenas como ouvinte; e por último, o desafio de escrever algo sobre um escritor português contemporâneo pelo fato de lecionar a disciplina Literatura Portuguesa e apreciar os autores contemporâneos. Assim, como leitora destes, deparei-me com a narrativa de Teolinda Gersão - *A Árvore das Palavras* em uma livraria. Finda a leitura, surge o desejo de explorar um ponto para mim marcante na narrativa – o descaso pelo masculino – por meio de uma segunda leitura.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo mapear esse descaso presente na narrativa. No entanto, é importante ressaltar que não se pretende fazer uma apologia ao machismo, mas sim mostrar que muitas vezes os homens também são vítimas de desigualdades e opressões por parte das mulheres. É o caso da personagem Laureano, oprimido pela indiferença das mulheres de sua vida: de forma velada e inconsciente por Gita e direta por Amélia.

Conforme o dito acima, o descaso pelo masculino é assinalado em relação a Laureano “o pacato e prestativo pai”. A voz de Laureano desaparece entre as vozes femininas que se alternam na narrativa: a de Gita, a filha que conta a história e a de Amélia, a esposa. A primeira separa o mundo no qual vive em dois, de acordo com seus laços afetivos e suas afinidades: “E logo ali a casa se dividia em duas, a Casa Branca e a Casa Preta. A Casa Branca era de Amélia; a Casa Preta a de Lóia. O quintal era em redor da Casa Preta. Eu pertencia à Casa Preta e ao quintal” (p. 10). Ao fazer esta afirmação, Gita revela suas referências: a mãe branca portuguesa e a empregada negra moçambicana. O pai quase não faz parte dessas referências em que o universo feminino se impõe.

Observa-se desse modo, no decorrer da narrativa, que Gita, Amélia e Lóia são sujeitos de suas histórias, ao passo que Laureano é objeto da sua, pois apesar da ligação sanguínea e familiar, ele vive o que elas determinam e para que, ou para quem determinam, ficando à sombra das duas. “A vida era assim, não se usava o telefone para conversar, aparecia-se sem prevenir em casa uns do outros para jogar cartas, gozar o fresco depois do jantar que era às sete. Amélia não ia, porque não gostava de se dar com os vizinhos e por isso também raras vezes alguém vinha a nossa casa [...]. Em alguns domingos Laureano não quer deixá-la sozinha, e então ficamos em casa, mas não encontramos o que dizer-lhe, nem sabemos o que fazer, porque em todos os lados se ouve o zumbido da máquina e o dia nunca mais tem mais fim” (p. 14).

Verifica-se que Amélia e Gita fecham-se em si mesmas, uma com a desculpa das costuras a entregar; a outra não encontra o que dizer à mãe nessas circunstâncias, tampouco ao pai, uma figura quase decorativa, quase invisível na vida das duas. Ao alegar que Laureano é objeto das histórias de Gita e Amélia e não sujeito da própria história, refere-se ao fato de ele mesmo parecer mais um objeto (usa-se quando precisa) em relação às duas. Como por exemplo, quando Amélia desiludida com sua vida amorosa em Lisboa e sem esperanças de melhoras futuras, lê no jornal o anúncio “Cavalheiro, solteiro, trabalhador e de bons sentimentos, 30 anos, residente em Moçambique, procura menina honesta até 35 anos, para fins matrimoniais. Favor enviar fotografia, que será devolvida caso não interesse. Assunto máxima seriedade. Escrever para Laureano Capítulo, Lourenço Marques, Moçambique” (p. 25).

Por meio de uma brincadeira com as amigas, ela responde ao anúncio. Ao se agradar da foto da pretensa noiva, ele a aceita sem pedir referências a terceiros. Porém, contra a vontade de Amélia, a madrinha, com quem vive, com medo que as noites que ela passara com o namorado tivessem maiores consequências, manda a Laureano uma carta com boas referências da afilhada a fim de que o casamento se realizasse. “A madrinha empurrava-a, todos a empurravam, ela chorava e procurava o Quim e o Quim fugia dela, e da única vez que se encontraram gritou-lhe que não a queria porque não tinha confiança nela, e ela chorava mais parecia que andava embruxada e entontecida. Empurravam-na, e ela ia. Antes a tivessem empurrado para dentro de um poço. Ao menos assim estaria tudo acabado” (p. 30). Assim, ela acaba usando Laureano para mudar de vida, mesmo que fosse em um país que nem sabia onde era, com um homem que não amava nem conhecia.

Contudo, ao constatar que o marido era simples, sem ambição, Amélia começa a costurar para as senhoras ricas de Lourenço Marques. Insatisfeita com seu destino e com o conformismo do marido, ela se sobrepõe a ele fazendo prevalecer a sua vontade talvez como uma forma de compensação por ser pobre, não admirar nem amar o marido, não gostar de África e suas gentes. “Ela chama-se Lourdes, diz-me Laureano. Mas Lóia tem mais a ver – lembra Ku Lóia, não é? Inventamos à toa, é um nome de carinho. Ela também acha bonito” (p. 35). Independente dos sentimentos da empregada em relação ao nome, constata-se que Amélia quer dizer: eu que decido Laureano, não importa o que você diga. Aqui quem manda sou eu!

Observa-se na narrativa que algumas teorias feministas poderiam ser aplicadas a Laureano, pois não é ouvido e subjugado pelo feminino que se impõem do início ao final do texto. De acordo com Schmidt (2005), o feminismo se configura, tanto como movimento social quanto com campo de investigação teórica, a partir das transformações sociais e políticas que emergem no pós-guerra europeu. Nesse contexto, o poder estava posto em questão em diferentes níveis. No plano político

mais amplo, o início do processo de descolonização de diversos países do terceiro mundo colocava em xeque as relações de poder estabelecidas entre colonizadores e colonizados, trazendo à cena o elemento exótico, corporificado pelos povos emancipados. A relação entre Laureano e Amélia é a de colonizado e colonizador. Entende-se que a colonização é um processo totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do “colo”: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais (BOSI, 1996).

Apesar de Laureano ser português e branco como Amélia, ela o trata como inferior por compará-lo aos locais. “Não se pode confiar nos negros, diz Amélia” (p. 25). Não se pode confiar em Laureano que os trata como iguais. Assim, Amélia é a colonizadora que ocupa o novo chão, Lourenço Marques; explora os seus bens, a casa; submete os naturais, Laureano. “Laureano também pertence à Casa Preta. Não tem medo dos mosquitos e plantou ele mesmo um rícino, ao fundo quintal. O gato Simba que trouxe um dia no bolso do casaco, dorme ao seu lado no tapete, à hora da sesta, nos dias em que ele vem almoçar em casa, e que são aliás quase todos” (p. 25). Assim, Laureano é visto como alguém que se pode ocupar apenas quando precisa, fora isso, ele praticamente não existe e se prende cada vez mais em seu silêncio. A começar pelo seu sobrenome Capítulo, entende-se que para a esposa e a filha ele é apenas um capítulo de livro que ao virar a página, começa outro, ou se relê se preciso for, sem que tenha maior importância na narrativa. No caso, na narrativa de vida de Amélia e Gita.

De acordo com Gramsci (1980), as relações de poder se reproduzem em todos os grupos sociais. A família como tal, também, como se pode observar na família de Laureano. Gita reproduz senão o descaso em relação ao pai vindo da mãe, a falta de atenção em relação a ele, ao ponto de se espantar por não ter percebido o relacionamento amoroso entre Laureano e a nova empregada.

Cada grupo social ‘essencial’, contudo, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou pelo menos na história que se desenrolou até aos nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. (GRAMSCI, 1980, p. 76).

Ainda nas palavras de Schmidt (2005), com a revolução cultural dos anos 60, período em que se acentua o questionamento em torno das relações de poder, surge o feminismo como movimento social. No primeiro momento da teorização feminista questionava-se, se a dominação masculina era um dado universal e investigavam-se as causas dessa dominação. Na tentativa de encontrar explicações para a desigualdade entre os sexos, as teóricas do feminismo produziram inúmeras histórias do gênero como as chamou Jane Flax. Na narrativa de Teolinda Gersão ocorre o contrário, a desigualdade e a dominação entre os sexos é marcada pelo feminino dominante, tanto que Gita de

forma sutil, também despreza Laureano. “Nessa altura sinto por ti uma grande ternura e uma grande piedade pela tua falta de perspicácia, porque é apenas um jogo mas tu não vais nunca aprender isso, e sempre de novo vais cair dentro dele como dentro de um poço, e eu ficarei rindo em cima, rindo” (p. 50).

A convivência feminina no descaso em relação ao homem é inegável. Mais tarde ao ser abandonado gradualmente por Lóia, Amélia e Gita, ele procura continuar a viver de modo pacato onde as perdas aparentemente não conseguem afetá-lo, ou a filha que narra a história não consegue perceber como essas o abalam? No caso de Lóia não há um abandono voluntário: ela morre; Amélia vai embora com outro homem em busca dos sonhos perdidos; quanto a Gita, a saída da mãe coincide com o despertar em sua adolescência para os namoros e amigos, deixando o pai de lado apesar de morarem na mesma casa.

Novamente, Laureano é relegado ao segundo plano, pois sendo o único responsável pela filha e pela casa esperava-se que crescesse na narrativa o que não acontece. Ele é chamado apenas para resolver os problemas funcionais: contratar uma nova empregada e arcar com as despesas. Tanto que em seu relacionamento amoroso com Rodrigo, Gita não lhe pede conselhos. Assim, o descaso em relação ao pai a impede de ver o envolvimento que existe entre ele e Rosário, a jovem empregada da casa. Laureano sentindo-se sozinho e desprezado, tornou-se uma presa fácil para a sonsa e interesseira Rosário. “Rosário parece não ter feito coisa nenhuma o dia inteiro, além de pintar as unhas [...]. Que se passa contigo? Pergunto. [...] Apanhei grávida dele, diz. Como se anunciasse uma nova era no mundo. De quem? Pergunto distraída, quase automática. Porque não conheço os namorados de Rosário [...]. Do teu pai minina (*sic*), diz ela abrindo muito os olhos e desatando a rir surpreendida. Quando passar sete mês, vai nascer filho. [...] Como foi que não me dei conta mais cedo? Claro que era isso, e por essa razão ele a levou para casa. [...] Um filho com seguro de vida. porque ele vai tomar conta de ambos, garantir a subsistência de ambos, para sempre. Mesmo que tenha que ser ele a cuidar da casa e da criança, e ela continue a namorar ao portão e à janela, e o troque um dia por alguém que passa” (p. 110).

Surpresa com a notícia, Gita se dá conta que o seu descaso mesmo inconsciente em relação ao pai não só o afastou de si, como também o prejudicou, deixando-o a mercê de pessoas como Rosário. “O que esperavas? Diz Roberto. Há gente que presta e gente que não presta. Não há nenhuma razão para estranhar” (p. 110). Diante da situação, Gita se vê impotente porque não há nada que possa fazer para mudá-la. Pela primeira vez se dá conta que poderia ter agido diferente em relação ao pai e que este está sendo usado outra vez por uma mulher. “Ele vai repetir a mesma história, digo ao Jamal e à Bibila. Mas eu não quero estar presente e assistir outra vez a tudo. Outra

vez não, meu Deus” (p. 110). Para que isso não ocorra, Gita só vê uma alternativa: estudar em Lisboa na casa dos tios. Quando comunica sua decisão ao pai, ele a olha surpreso e triste, mas providencia sua estada na casa do irmão.

A trajetória de Laureano no decorrer da narrativa é assinalada pelo conformismo silencioso que acompanha o descaso, fazendo com que fique em plano menor comparada às trajetórias femininas que decidem os rumos da narrativa. Desse modo, cabe aqui o comentário de Farrel (2011): algumas mulheres dizem que são umas eternas oprimidas e escondem o fato de que elas também são opressoras. Elas oficializaram o lado sombrio do homem e o lado iluminado da mulher, mas esqueceram-se do lado sombrio da mulher e do lado iluminado do homem. Afiança-se assim que em *A Árvore das Palavras*, o lado sombrio das personagens femininas é marcado pela opressão em relação a Laureano, o lado luminoso do homem é destacado pela bondade ingênua que caracteriza essa personagem do início ao final da narrativa.

Referências Bibliográficas

- 1] BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- 2] FARREL, Warren. O mito do poder masculino. Disponível em <<http://www.casadobruzo.com.br/textos/mito.htm>> Acesso em 22 maio 2011.
- 3] GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- 4] GERSÃO, Teolinda. **A árvore das palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- 5] PEREIRA, Simone Schmidt. **Gênero e história no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ⁱ **Kátia Marlowa Bianchi Ferreira PESSOA, Ms.**
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
katmarlowa@uniplac.net